

ENVELHECIMENTO E PRECONCEITO: DUAS VERTENTES ANTAGÔNICAS NA CONQUISTA DA TERCEIRA IDADE

ALVES; Francileide Maria de Araújo ¹

LEMOS; Tailiny Elias dos Santos ¹

LIMA, Micheline De Azevedo ²

Extensionista¹; Docente², UFPB/CCAIE/DEMA/FLUEX - Fluxo contínuo de Extensão

RESUMO

Alcançar a terceira idade implica numa série de questionamentos acerca da relevância do ser social no contexto no qual se encontra inserido. Um estudo antropológico das sociedades ao longo do tempo tem atribuído valores diferentes as pessoas que envelhecem, algumas reconhecendo a contribuição ofertada por estes senhores ao longo de suas vidas e a experiência acumulada por eles. Na Idade Antiga a valorização era facilmente percebida por meio de instituições como a da formação dos Conselhos de Anciãos. Já na Idade Média, a figura do idoso não consegue se dissociar de mitos preconceituosos que, fundamentando-se numa suposta incapacidade para o trabalho braçal dos mais velhos, associava-os ao preconceito religioso da bruxaria. Esse preconceito a partir da suposta incapacidade para o trabalho é reforçado no imaginário popular, pela Idade Moderna, quando a industrialização passa a ditar padrões de comportamento na organização social. Dessa forma, a Idade Contemporânea, vem a reforçar o preconceito contra o idoso dada as suas prerrogativas individualista e competitiva. Segregando o idoso em locais ILPI (Instituição de Longa Permanência).

Palavras-chaves: Envelhecimento, preconceito e sociedade.

INTRODUÇÃO

Embora a sociedade adulta seja a grande responsável pelo imaginário sobre a velhice, também os próprios velhos estão imbricados na produção da ideologia que sobre eles é produzida. Muitos não se conformam com a perda de poder, outros que só viveram para o trabalho, sentem-se perdendo a identidade quando se retiram das atividades profissionais, outros, ainda, se isolam do mundo da vida, enclausurando-se numa solidão desnecessária.

Atualmente, o envelhecimento populacional tornou-se um dos maiores desafios para a saúde pública, visto que se exige a efetiva implementação da estratégia de educação em saúde como possibilidade de manutenção da capacidade funcional do idoso. Em razão do aumento da expectativa de vida da população mundial, muitos países convivem com idosos de gerações diversas, os quais possuem necessidades variadas, exigindo políticas assistenciais distintas (SOUZA et al, 2007)

Ao longo do século XX e início do século XXI, é inegável o crescimento da população idosa nas estatísticas demográficas brasileiras. Para Barros (2002), isso se deve ao fato de que o avanço das ciências da saúde, sobretudo a medicina, permitindo com isso que as pessoas alcancem a velhice com um equilíbrio físico e mental.

Frisa-se que as definições a respeito do idoso remonta a séculos anteriores, nesta diapasão percebe-se que o significado que denota o envelhecimento é “uma construção das sociedades contemporâneas e vem sendo empregado por acreditar que é isento de conotação depreciativas”. (SIQUEIRA et al, 2001, p.904). No entanto, o que percebemos nos conceitos existentes é que: Ser velho é apenas uma fase diferente da vida, talvez a última, mas ainda há vida, e é isso que deve ser respeitado.

Sobre essa ideia, Ferreira e Falcão (2007), afirmam que não existe uma explicação nem simples nem única a respeito do processo de envelhecimento, pois há vários modelos de envelhecimento e da velhice. Numa análise psicológica da velhice, o idoso é compelido a lidar com o preconceito no meio em que vive. Na verdade, o idoso precisa se sentir é acolhido, respeitado e compreendido, e não excluído de uma sociedade que tanto ajudou a construir.

DESENVOLVIMENTO

Na Grécia do século I a.C, o Sistema Gerontocrático via nos mais velhos a solução para o Governo, associando a idade á sabedoria. O reconhecimento social, assente na idade biológica, já também buscas argumentos à esperança média de vida que raramente ultrapassava os 20 anos de idade (GRUPO GERAS, 2013).

Sobreviver aos anos, ser velho, era por si só um feito notável que contribuía significativamente para a veneração dos anciões. No entanto, também na Grécia, em séculos posteriores, eram visíveis atitudes como a Gerontofobia (medo de envelhecer). Por outras palavras, esta etapa da vida era interpretada como uma forma de castigo

divino, sendo, por isso, considerada uma catástrofe. Poucos eram os que não partilhavam desta opinião (GRUPO GERAS,2013).

Em Roma, e segundo o a máxima de Cícero. “os jovens para a ação, os velhos para o conselho), o poder do ancião no senado era o que permitia a estabilidade social. Desta forma, os idosos tinham um papel importante na sociedade, estando bem integrados na comunidade.

A Idade Moderna é marcada pelo avanço industrial, o idoso perde espaço em virtude de suas condições limitações físicas, já representam uma incompatibilidade frente à demanda pela força produtiva, dessa forma para Ecléa Bosi “na sociedade industrial a velhice é maléfica, porque nela todo sentimento é de continuidade destruído”.

A discriminação aos velhos é o resultado dos valores típicos de uma sociedade de consumo e de mercantilização das relações sociais. O exagerado enaltecimento do jovem, do novo e do descartável, além do descrédito sobre o saber adquirido com a experiência da vida, são as inevitáveis consequências desses valores. Para Ferrigno (2002), a criança é considerada um futuro ativo. A sociedade, ao investir nela, assegura seu próprio futuro, ao passo que, a seus olhos, o velho não passa de um morto em sursis. (BEAUVOIR, 1990).

Como podemos observar, os preconceitos em relação ao velho são bem definidos em uma estrutura social que privilegia a produção e requer, para isso, corpos rentáveis, possuidores de grande agilidade, e que não percam tempo, pois a máxima “tempo é dinheiro” deve ser respeitada e seguida. (SIMÕES, 1998).

Na Contemporaneidade o idoso se torna um indivíduo social marcado pela dualidade entre o meio urbano e rural. De forma que, nos grandes centros urbanos cresce acentuadamente as ILPI's (Institutos de Longa Permanência para Idosos), cuja finalidade é um afastamento gradual de que fora um elemento fundamental da família e com a idade vai se tornando um ônus do qual a agitada vida social marcada pelo individualismo e competição características de uma sociedade capitalista, tem levados os descendentes destes a uma segregação para que o cuidado e atenção sejam despendido apenas por estas instituições destinadas aos idosos.

Paralelamente, a carência econômico-social que marca, em sua quase totalidade, o espaço rural que atribuído outro significado ao conceito de idoso. Pois, esse ser social represente aqui, na maioria dos lares, a base de sustentação financeira graças aos rendimentos advindos da aposentadoria. Todavia, um despertar para esse segmento social vem ganhando força com a difusão de estudos e programas atenção de especial a essas pessoas tão valorosas e que tanto ainda tem a contribuir com sua experiência de vida.

Todavia, na atualidade ocidental, os idosos passam por inúmeras situações de desprezo e abandono, culminando com a exclusão social dos mesmos, pelo fato de ainda serem considerados improdutivos por uma grande parcela da sociedade. As alterações físicas e psicológicas a que estão sujeitas as pessoas idosas levam também á sua desvalorização, podendo resultar na sua expulsão do mercado de trabalho e na sua associação a estereótipos.

No entanto, é de reconhecer o esforço de inúmeras entidades em valorizar a experiência e o conhecimento da população idosa, o que possibilita que atualmente se recomece a enaltecer a sabedoria adquirida ao longo da vida.

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) é considerado idoso a pessoa com mais de 65 anos em países desenvolvidos e com mais de 60 anos em países em desenvolvimento. Para a Geriatria, o ramo da medicina que foca o estudo, a prevenção e o tratamento de doenças e da incapacidade em idades avançadas, a pessoa só é considerada de terceira idade após completar 75 anos.

A construção do Preconceito:

- O idoso é um problema (Guerra, Caldas, 2010);
- Está associado à improdutividade, inutilidade, desatualização, incapacidade funcional, senilidade e fraqueza (Costa, citado por Filho e cols., 2010);
- É prejuízo para a economia dos Estados (Haddad, 1986);
- Inflexíveis, solitários, religiosos , improdutivos, doentes, depressivos, senis, frágeis, sem energia (NUSSBAUM & COLS., 2005) .

Para Marques e Pichane, 2010 conscientizar-nos do valor do ser e da beleza de cada etapa da vida, visando uma boa convivência entre as diferentes gerações assim como conhecer e assegurar os direitos constitucionais e trabalhar pela efetivação das propostas do estatuto do idoso, no zelo por sua integridade física e mental.

CONCLUSÃO

A problemática do envelhecimento foi sempre tratada de forma difusa considerando os fatores sociais e temporais das mais diversas sociedades. Nos dias atuais, o idoso, ainda é vítima de um grande preconceito, demandando a criação de instituições específicas, cuja finalidade é oferecer uma socialização, atenção, carinho e cuidados médicos que são negligenciados pelos familiares que tanto foram dependentes desses idosos em período não tão distante. Isso tem imposto as pessoas que envelhecem uma segregação em ILPI (Instituição de Longa Permanência), longe das pessoas que mais amam e a quem mais dedicou o tempo de suas vidas. Ou, de outro lado, tem imposto uma valorização mensurada por uma baixa remuneração advinda de uma aposentadoria, quando, principalmente no espaço rural, esses idosos, ainda, representam o pilar financeiro de toda uma família. Assim, a atualidade demanda cada vez mais estudos e atitudes que tragam luz a problemática do preconceito que envolve o envelhecimento e que possam oferecer uma socialização a essas pessoas tão relevantes e cativantes, dotadas de uma experiência de vida incomensurável.

REFERENCIAS

AGUSTINI, Fernando Coruja. **Introdução ao direito do idoso**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

BARROS, Marcus Aurélio de Freitas. **Os direitos dos idosos**. In: DIAS, Gilka da Mata. Natal/RN: AMPERN, 2002.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**. 3 ed: São Paulo. Cia das Letras, 1994.

FERREIRA, Denise Maria de Lima; FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva. A velhice e a psicoterapia na perspectiva de pessoas idosas. BOBBIO, N. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UNB, 1993.

FERRIGNO, José Carlos (2002) O estigma da velhice: Uma análise do preconceito aos velhos à luz das idéias de Erving Goffman. In: **Revista da Terceira Idade**.

Volume 13, p. 48, nº 24.

GOLDEMBERG, M; RAMOS, M.S. A Civilização das formas: o corpo como valor. In Goldemberg Mirian, (org). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

GRUPO GERAR. **Heteregenoidade Cultural**. Correr a vida. Disponível em <<http://correravida.weebly.com/heterogeneidade-cultural.html>> Acessado dia 18 nov. 2013.

MARQUES, D. T.; PICHANE, G. G.; Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 36 n. 02 p.475-490. 2010.

SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**.1998.128p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Metodista de Piracicaba.

SIQUEIRA, Renata Lopes et al. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. In: **Ciências & Saúde Coletiva**, 2002 p.899-905.

SOUZA, Jacy Aurélia Vieira de; Maria Célia de Freitas; Terezinha Almeida de Queiroz. Violência contra os idosos: análise documental. **Rev. bras. enferm.** v.60 n.3 Brasa maio/jun. 2007.